

NÚCLEO CULTURAL KRISHNAMURTI



**Boletim nº 46
2008**

INFORMAÇÕES

PUBLICAÇÕES EM PORTUGÊS

CARTAS A UMA JOVEM AMIGA

Original: “Letters to a Young Friend”; KFA, 2004

Tradução: Joaquim Palma

Editora: Editorial Presença

Data de public.: Outubro 2008

As cartas que formam o conteúdo deste livro foram escritas por K. entre 1948 e 1960 a uma amiga (Pupul Jayakar) que atravessava um período de sofrimento físico e psicológico. Esta obra revela um Krishnamurti diferente daquele a que nos habituámos através das suas conferências públicas, pois aqui, numa dimensão mais íntima onde impera uma profunda amizade, as suas palavras veiculam uma clareza e uma força afectiva que vão directas ao coração do ser humano.

NOTÍCIAS DA FUNDAÇÃO K.

- O livro em formato electrónico THINK ON THESE THINGS já está disponível no site Amazon.com

- Será brevemente posto à venda sob a forma de áudio-livro a obra FREEDOM FROM THE KNOWN.

- Devido ao súbito interesse pelo ensinamento de K. verificado em certos países a ele fechados até agora, a Fundação Krishnamurti está a preparar uma série de traduções destinadas à China e aos países árabes.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO NCK

O Centro de Documentação do NCK existe para servir as pessoas que se interessam seriamente pelo estudo do ensinamento de K. Assim, e faltando apenas finalizar alguns pequenos pormenores da sua reorganização, podemos desde já informar que, todos aqueles que pretendam utilizar espaço ou os recursos disponíveis, nos contactem com a devida antecedência por escrito, pelo telefone 266707902, ou pelo correio electrónico nucleok@sapo.pt

O Centro, devido a certas limitações objectivas, sendo a maior delas a falta de verbas para substituição, actualização ou aquisição de novos materiais, está vocacionado sobretudo para consulta no local. Quanto a empréstimos, está fora de questão a cedência de material audiovisual (CD's, DVD's, Áudio e Vídeo cassetes), pela degradação técnica ocasionada pelos diferentes equipamentos, e também por ser dispendiosa, para nós, a sua substituição em caso de dano ou extravio. Os livros a emprestar serão apenas aqueles que temos em duplicado, e mediante um depósito reembolsável em dinheiro ainda não determinado.

Pedimos a compreensão dos nossos leitores quanto a estas limitações, mas elas destinam-se somente a contribuir para a preservação de um património que fomos construindo ao longo dos anos e que queremos deixar em boas condições à geração seguinte.

CENTROS DE INFORMAÇÃO K. EM PORTUGAL

Estão em fase de criação os primeiros Centros de Informação K. em Portugal. Ficarão localizados em Braga e na Maia, e irão beneficiar principalmente os leitores de Krishnamurti residentes na região Norte.

Para informações sobre o andamento de cada projecto, contactar:

Braga: Ivone Apolinário e João Quintas, telef. 965477360, 969734650; correio electrónico: ivoneapolinário@gmail.com

Maia: Isabel Gonçalves, telef. 964837408; correio electrónico: isacondel@netcabo.pt

Esperamos que surjam mais Centros de Informação, de preferência em outras regiões, pois entendemos que a difusão do ensinamento de K. é muito facilitada quando realizada em pequeno grupo e tendo como base física a simplicidade de estruturas locais disseminadas pelo país.

Com 93 anos de idade, faleceu em Ojai, Califórnia, Mary Zimbalist. Foi amiga íntima e assistente pessoal de Krishnamurti durante os últimos vinte anos da sua vida. Mary Zimbalist pertenceu ao grupo que fundou a Escola de Brockwood Park, e aos conselhos directivos das Fundações Krishnamurti de Inglaterra e dos Estados Unidos.

Só nos tem possível distribuir gratuitamente o Boletim do NCK graças à generosidade de pessoas que compreendem a importância e a urgência dos ensinamentos de J. Krishnamurti. Mas quem não tem possibilidade de contribuir desta maneira, recebe igualmente o Boletim desde que mostre interesse nisso.

Para além dos leitores constantes da lista de correio, temos enviado esta publicação a associações de estudantes e de juventude, a organizações ambientais, bibliotecas e outros organismos culturais.

Se acha que este Boletim pode ter interesse para amigos, familiares, companheiros de trabalho, poderá pedir-nos o número de exemplares que julgue necessários.

De modo a facilitar o envio da ajuda destinada às despesas com o Boletim e à compra de material para o Centro de Documentação, sugerimos que o mesmo seja feito por transferência bancária para a conta da CGD com o NIB 00350340000071873093.

A todos os que com os seus donativos, ou por outra forma, têm permitido que a tarefa de difusão dos ensinamentos de K. em língua portuguesa continue, o nosso muito obrigado. Bem hajam.

Quando compreendemos o verdadeiro significado da medida e da comparação, então *o que é* é ultrapassado, libertamo-nos de *o que é*.

J. Krishnamurti

VIVER SEM COMPARAÇÕES

A velha construção bizantina estava transformada em mesquita. Era enorme. No seu interior, cantava-se o Corão; sentámo-nos ao lado de um mendigo, num tapete sob a gigantesca abóbada. O cântico era magnífico, ecoando no interior daquele vasto espaço. Ali não havia diferença alguma entre o pedinte e a pessoa bem vestida e de aparência próspera. No interior da mesquita não se viam mulheres. Os homens inclinavam as cabeças, murmurando para eles próprios. A luz entrava pelas vidraças coloridas, projectando desenhos no tapete. No exterior, viam-se muitos mendigos e pessoas pedindo coisas... Mais além, estava o mar azul, dividindo o Oriente do Ocidente.

-

Era um templo muito antigo. Ninguém sabia dizer realmente quantos anos tinha, e as pessoas gostavam de exagerar a antiguidade dos seus templos. Chegámos ali depois de termos percorrido estradas poeirentas ladeadas de palmeiras e de canais de água. As pessoas davam sete vezes a volta ao santuário e prostravam-se assim que passavam em frente da porta principal, através da qual se avistava uma imagem. Eram devotos, completamente mergulhados nas suas preces; e apenas aos Brâmanes era dada permissão de entrada no santuário. Havia morcegos e cheiro a incenso. A imagem estava coberta de jóias e de seda brilhante. As mulheres levantavam as mãos em prece e as crianças brincavam no pátio, gritando, rindo, correndo em volta dos pilares. Todos os pilares estavam esculpidos; havia uma sensação de espaço e de solene dignidade; a luminosidade e o calor exteriores eram intensos, e lá dentro estava fresco. Alguns *saniasis* meditavam sentados, imperturbáveis à passagem das pessoas. Havia aquele peculiar ambiente criado por milhares de seres que, através dos séculos, ali vinham para rezar, prestar culto e fazer ofertas aos Deuses. Via-se um tanque com água e algumas pessoas tomavam banho nele. Era um tanque sagrado porque estava dentro do recinto do templo.

No santuário reinava a tranquilidade mas, no resto do lugar, que também era usado para oração, brincavam as crianças e as gerações mais velhas encontravam-se, sentavam-se e falavam das suas vidas. Jovens estudantes entoavam cânticos em sânscrito e, no findar da tarde, juntou-se cerca de uma centena de sacerdotes no exterior do santuário cantando em louvor de Deus. O canto ecoava pelas paredes, era um som maravilhoso. Por cima, do lado do sul, via-se o céu de um azul carregado, e eram belas as palmeiras à luz do anoitecer.

-

Aquela era uma imensa praça rodeada por uma colunata, em curva, de vários pilares e com uma gigantesca basílica e a sua enorme cúpula. As pessoas encaminhavam-se para o templo; turistas de todo o mundo assistiam, maravilhados, à missa que estava a decorrer; mas a atmosfera daquele lugar era fechada – muitos funcionários controladores, com vozes autoritárias. Aquele local tinha-se tornado num lugar de espectáculo. Havia um certo encanto nos rituais, nas vestes dos padres, mas tudo aquilo era criado pelo homem – a imagem, o latim e a estrutura da cerimónia. Tudo tinha sido feito pela mão e pela mente do ser humano, engenhosamente inventado para convencer qualquer pessoa da grandeza e do poder de Deus.

Caminhávamos através da paisagem rural inglesa, com os seus vastos campos agrícolas. Encontrámos faisões, e o céu era de um azul claro e havia aquela luz própria do amanhecer. O calmo e lento Outono estava a chegar. As folhas estavam a tornar-se amarelas e vermelhas e começavam a cair das altas árvores. Tudo esperava o Inverno, em silêncio, expectante, a sós. Como é diferente a Natureza na Primavera. Nessa altura, tudo irradia vida – a haste de erva e a nova folha. Os pássaros cantam e há o murmúrio de muitas folhas. Mas agora, mesmo sem brisa, com tudo em quietude, sente-se a vinda do Inverno, dos dias de chuva intensa, da neve e das rajadas do vento.

Ao caminharmos pelos campos, transpusemos uma vedação e chegámos a um bosque de muitas árvores e algumas sequóias. Ao entrarmos, sentimos, de repente, o silêncio absoluto do lugar. Nem uma folha se movia, era como se um encantamento tivesse caído sobre ele. A erva estava muito verde, brilhando à luz oblíqua do sol e, de um modo total, sentimos a presença do sagrado. Caminhámos através do bosque, quase sem respirar, com passos hesitantes. As hidrângeas e os rododendros estavam em plena floração, que durava vários meses; mas nada disso era *o essencial*; contribuía, sim, para uma bênção sobre aquele lugar. Ao abandonarmos o bosque, sentíamos que a nossa mente estava completamente vazia, sem um único pensamento. Havia apenas esse vazio, nada mais.

Quando se perde a relação íntima com a Natureza, então as igrejas, as mesquitas, os templos tornam-se importantes.

-

O professor perguntou: “Como se pode impedir, não só no estudante mas também em nós, a obediência – tão cheia de competição e agressividade – às nossas próprias exigências? Até ao momento, já ensinei em várias escolas e universidades, e não apenas neste país; tenho reparado, ao longo da minha carreira de professor, na existência dessa competitividade agressiva. Começa a haver uma reacção a isto. Os jovens querem viver juntos, em comunidades, querem sentir o calor e o conforto do companheirismo a que eles chamam “amor”. Sentem que esse modo de viver é mais verdadeiro, tem mais significado. Mas também eles se tornam exclusivistas. Juntam-se aos milhares em festivais de música e, neste viver em grupo, partilham não só a música mas também o prazer que daí tiram. Parecem ser completamente promíscuos, dando-me a impressão de imaturidade e de superficialidade. Podem até estar contra a agressão competitiva, que ainda têm no sangue. Ela manifesta-se de muitas formas, das quais eles talvez não se apercebam. Tenho visto isto nos estudantes. Não aprendem pelo prazer de aprender mas, sim, pelo sucesso, pelo desejo de atingirem um objectivo. Alguns compreendem tudo isto, rejeitam-no e ficam à deriva. Não há grande mal quando eles são ainda jovens, com menos de vinte anos, mas depressa são apanhados, e esse andar à deriva torna-se em nova rotina.

“Tudo isto me parece superficial e fútil mas, lá no fundo, o homem está contra o homem. Isso observa-se na terrível competição, tanto no mundo comunista como nas chamadas democracias. Isso existe. Eu vejo isso em mim mesmo, como uma chama a arder, empurrando-me. Desejo ser melhor do que os outros, não apenas por prestígio e conforto mas para me sentir superior, para me afirmar. Este mesmo sentir também existe nos estudantes, embora estes possam ter ainda um rosto suave e delicado. Todos eles querem ser alguém. Isso vê-se nas aulas e cada professor compara A com B, pressionando o aluno B a ser igual ao A. Na família e na escola, é a mesma coisa.”

Quando se compara a pessoa B com a pessoa A, estamos, abertamente ou de uma forma escondida, a destruir a pessoa B. Esta passa a não ser importante porque temos na mente a imagem da A, que é intelectualmente mais hábil, brilhante, ao qual atribuímos um certo valor. A essência de toda esta competitividade é a comparação: compara-se um quadro com outro quadro, um livro com outro livro, uma pessoa com outra pessoa – o herói, o exemplo, o “princípio”, o ideal. Comparação é medição entre *o que é* e “aquilo que deveria ser”. Dão-se classificações ao estudante e, assim, forçamo-lo a competir consigo mesmo; e o triste fim de toda esta comparação são os exames. Todos os nossos heróis, sejam eles

religiosos ou mundanos, existem devido a este espírito comparativo. Todos os pais, toda a estrutura social no mundo da religião, da arte, da ciência e dos negócios, são assim. A medição entre nós e os outros, entre os que sabem e os que são ignorantes, sempre existiu, e persiste na nossa vida quotidiana. Por que será que, psicologicamente, comparamos? Qual é a necessidade de medirmos? Será isto fugir de nós próprios, das nossas superficialidades, do nosso vazio e incapacidade? Este apego à medição entre o que somos e aquilo que seremos divide a vida, dando origem ao conflito.

“Mas nós temos de comparar. Isso acontece quando escolhemos esta ou aquela casa, esta ou aquela roupa. A escolha é necessária.”

Não se estava a falar de escolha superficial, onde ela é inevitável. Referíamos-nos à realidade psicológica, ao espírito comparativo que gera competitividade, com a sua agressividade e insensibilidade. Estamos a perguntar por que razão, como professores e seres humanos, temos esta mentalidade. Por que competimos e comparamos. Se não compreendermos isto em nós próprios, estaremos a encorajar a competição, consciente ou inconscientemente, no estudante. Estaremos a construir a imagem do herói – político, económico, ou moral. O homem “religioso” deseja fazer cair tantos recordes como o homem que joga *cricket*. De facto, não há grande diferença entre eles porque ambos fazem a mesma avaliação comparativa da vida. Se, seriamente, perguntarmos a nós mesmos por que comparamos e se é possível viver sem comparação, se investigarmos, não só intelectualmente mas *de facto*, e mergulharmos fundo em nós mesmos, pondo de lado a agressão competitiva, não será que iremos encontrar um receio profundo de não virmos a ser nada? Ao pormos diferentes máscaras, de acordo com a cultura e a sociedade em que se vive, tapamos o medo de “não ser” e também o de “não vir a ser”: o de virmos a ser algo melhor do que somos agora – algo mais além, mais “nobre”. Quando observamos aquilo que realmente é, descobrimos que *isso* é também o resultado de um anterior condicionamento ligado à medição. Quando compreendemos o verdadeiro significado da medida e da comparação, então *o que é* é ultrapassado, libertamo-nos de *o que é*.

Depois de algum tempo, o professor afirmou: “Se não houver um estímulo à comparação, o estudante não estudará. Ele precisa de ser encorajado, incitado, elogiado, e de saber como está a ir o seu trabalho. Quando faz um exame, tem o direito de saber quantas respostas estão correctas e a que distância estão os seus conhecimentos daquilo que foi ensinado.”

Se me permitem salientar, direi que ele, o estudante, é como vós sois. Está condicionado pela sociedade e pela cultura em que vive. Cada um tem de aprender sobre a sua agressão competitiva que vem através da comparação e da medida. Estas podem produzir uma acumulação de conhecimentos, podem conseguir alcançar coisas, mas isso impede o amor e também a compreensão de si mesmo. A compreensão de si mesmo é, de longe, mais importante do que tornarmo-nos “alguém”. As palavras que usamos são elas próprias também comparativas – melhor, maior, mais nobre.

“Mas, devo perguntar: Como é que tanto o estudante como o professor avaliam os conhecimentos factuais de um assunto, sem o recurso a qualquer espécie de exame?”

Não será através do movimento quotidiano do ensinar e do aprender, através da discussão séria, da pesquisa, do estudo, que o professor se vai apercebendo do nível de conhecimentos factuais atingidos pelo estudante? Quer isto dizer que o professor tem de manter um olhar atento sobre o aluno, tem de observar a sua capacidade, tem de saber o que vai na cabeça do estudante. Isto significa que se tem de dar muita atenção ao estudante.

“Há tanto a transmitir ao estudante.”

O que queremos que o estudante aprenda? A viver uma vida não-competitiva? Vamos explicar-lhe o mecanismo da comparação e das suas consequências? Vamos só utilizar palavras e convencê-lo intelectualmente? Nós próprios podemos compreender intelectualmente, ou através da palavra, mas não será possível encontrar um modo de viver onde cesse toda a comparação? Como professores e seres humanos, têm de viver de acordo com esta maneira. Só então poderão transmitir o que quiserem ao estudante porque a verdade estará por detrás disso. Mas se assim não viverem, apenas estão a jogar com

palavras, a que seguirá a hipocrisia. Viver interiormente sem medições nem comparações só é possível quando cada um de nós está a aprender sobre todas as implicações resultantes da agressão, da brutalidade e da divisão trazidas pela inveja. Liberdade significa uma vida sem comparação. Mas, inevitavelmente, perguntareis: Que tipo de viver é esse, sem alto nem baixo, sem exemplos, sem divisão? Quereis uma descrição desse viver, para que, por intermédio da descrição, vos seja possível chegar a ele. Isto é outra forma de comparação e de competição. A descrição nunca é aquilo que é descrito. Temos de viver sem comparações, sem competição, e só então saberemos o que *isso* significa.

in BEGINNINGS OF LEARNING

É curioso como a meditação se torna uma constante presença: não há um fim nem um princípio para ela. É como uma gota de chuva: nela estão todos os regatos, os grandes rios, os mares e as quedas de água... A gota de chuva alimenta a terra e o homem; sem ela, a terra seria um deserto. Sem meditação, também o coração se torna um deserto, um lugar abandonado.

in MEDITATIONS

Aquelas três árvores eram majestosas e estranhamente imperturbáveis pelas estradas asfaltadas e pelo trânsito. As suas raízes estavam bem fundo na terra e as copas estendiam-se até aos céus. Nós temos as nossas raízes na terra, temos e devemos ter, mas prendemo-nos às coisas ou rastejamos pelo chão; só alguns poucos se elevam para os céus. São eles os únicos e felizes seres humanos. Os demais, corrompem-se e, através da ofensa e da maledicência, destroem-se uns aos outros neste mundo maravilhoso.

Mantém a mente aberta. Vive no passado se tiver que ser, mas não lutes contra esse passado; quando o passado chegar, olha para dentro dele, não o empurres para longe nem te agarres a ele demasiado. A experiência de todos estes anos, a dor e a alegria, os momentos de sofrimento e a memória da separação, a sensação de distância, tudo isso trará enriquecimento e beleza. O importante é o que tens no coração; e desde que isso esteja a transbordar, tu terás tudo, tu *és* tudo.

Está atenta a todos os teus pensamentos e sentimentos, não permitas que um único sentimento ou pensamento surja sem que te apercebas dele, e absorve todo o seu conteúdo. Absorver não é a palavra adequada, trata-se sim de ver todo o conteúdo do pensamento-sentimento. É como entrar numa sala e ver, de uma só vez, tudo o que está nela, a sua atmosfera e os seus espaços. Vermos e estarmos atentos aos nossos pensamentos torna-nos intensamente sensíveis, flexíveis e vigilantes. Não condenes nem julgues, mas está bem atenta. Da separação e das escórias retira-se o ouro puro.

Ver *o que é* é muito difícil. Como se pode observar com clareza? Um rio quando encontra um obstáculo não fica parado; ele quebra a barreira usando a sua força, ou passa por cima dela, ou por baixo, ou vai à volta; ele não fica quieto; ele só pode agir. O rio revolta-se, por assim dizer, inteligentemente. Para percebermos *aquilo que é* tem de haver o espírito da revolta inteligente. Para não sermos confundidos por um pedaço de tronco, é preciso termos uma certa inteligência; mas geralmente somos tão ávidos por possuir aquilo que desejamos, que vamos contra o obstáculo; ou despedaçamo-nos de encontro a ele ou ficamos exaustos lutando contra ele. Ver a corda como corda não necessita coragem, mas tomar a corda por uma serpente, ficando a olhar, é preciso ter coragem. Devemos duvidar, procurar sempre, ver o falso como falso. Ganhamos força para ver claramente através da intensidade da atenção; tu vais ver, isso virá. Para agir, cada um deve estar em estado de negação; a negação traz a sua própria acção positiva. Penso que a questão reside em ver com clareza, porque a percepção gera a sua própria acção. Quando há elasticidade, não se põe a questão do certo e do errado.

Cada um de nós tem de estar muito lúcido dentro de si mesmo. Nessa altura, asseguro-te, tudo dará certo. Tenta estar lúcida, e verás que as coisas se tornarão certas sem que tu faças o que quer que seja sobre isso. O que está certo não é aquilo que desejamos.

Tem de haver uma revolução total, não apenas nas grandes coisas mas também nas pequenas coisas do dia-a-dia. Tu passaste por essa revolução, não voltes atrás, mantém-te nela. Mantém-te a ferver, interiormente.

in LETTERS TO A YOUNG FRIEND

SOBRE A TRANSFORMAÇÃO

Pergunta: O que entende o senhor por transformação?

Krishnamurti: É óbvio que tem de acontecer uma revolução radical. A crise mundial exige-a. As nossas vidas também exigem essa revolução. Os nossos incidentes quotidianos, buscas, ansiedades pedem essa transformação. Os nossos problemas pedem que haja uma mudança. Tem de haver uma revolução fundamental, radical, porque tudo à nossa volta está em colapso. Ainda que pareça haver ordem, existe de facto destruição e uma lenta queda: a onda da destruição está constantemente a sobrepor-se à onda da vida.

Portanto, tem de acontecer uma revolução – mas não uma revolução baseada numa ideia. Uma revolução baseada numa ideia será meramente a continuação da ideia, e não uma transformação radical. Uma revolução baseada numa ideia traz derramamento de sangue, fragmentação, caos. Não se pode criar ordem a partir do caos. Criamos deliberadamente o caos; claro que depois não podemos criar ordem a partir desse caos. Não somos os “escolhidos de Deus”, para podermos gerar ordem a partir da confusão. Estamos perante um falso modo de pensar por parte daquelas pessoas que querem gerar mais e mais confusão para que depois possa existir ordem. Porque no momento em que estão no poder, elas assumem que sabem todas as maneiras de se produzir ordem. Vendo a globalidade de toda esta catástrofe – a constante repetição de guerras, o infundável conflito entre classes sociais e entre os povos, a enorme desigualdade económica e social, a distância entre os que estão felizes, os que não são incomodados, e aqueles que são apanhados pelo ódio, pelo conflito e pela desgraça – observando tudo isto, tem de acontecer uma revolução, uma transformação completa, não é verdade?

Será essa transformação, essa revolução radical uma coisa definitiva, ou será algo que acontece momento a momento? Sei que gostaríamos que ela fosse uma coisa final, porque é muito fácil pensarmos em termos de distância temporal. “Um dia seremos transformados”; “um dia seremos felizes”; “um dia encontraremos a Verdade”; entretanto, nada acontece. Certamente que uma tal mente, pensando em termos de futuro, é incapaz de agir no presente; assim, essa mente não busca a transformação, está simplesmente a evitar a transformação. O que quer dizer transformação?

A transformação não está no futuro, nunca poderá estar no futuro. Ela só pode estar no *agora*, em cada momento. Assim, o que queremos dizer com transformação? É decerto muito simples: ver o falso como falso e o verdadeiro como verdadeiro; ver a verdade do falso e ver o falso naquilo que é aceite como verdadeiro. A transformação é *ver o falso como falso e o verdadeiro como verdadeiro*, porque quando vemos muito claramente uma coisa como sendo verdadeira, essa verdade liberta. Quando vemos que algo é falso, essa coisa falsa desaparece. Quando vemos que as cerimónias são meras e vãs repetições, quando vemos a verdade disso e não arranjamos justificações, acontece uma transformação, porque terminou mais uma dependência. Quando vemos que a diferença de classes é falsa, que isso gera conflito, infelicidade, divisão entre pessoas – quando vemos a verdade disso, essa mesma verdade liberta-nos. A própria percepção dessa verdade é transformação. Estando rodeados de tanta coisa falsa, percepcionarmos a falsidade, momento a momento, é, em si, transformação. A Verdade não é acumulativa. Ela está presente em todos os momentos. Aquilo que é acumulativo, que se junta, é memória, e através da memória nunca podemos encontrar a Verdade, porque a memória pertence ao tempo – tempo sendo passado, presente e futuro. O tempo, que é continuidade, nunca pode encontrar aquilo que é eterno.

A eternidade está no momento, no agora. O agora não é reflexo do passado nem é a continuação do passado atravessando o presente e seguindo em direcção ao futuro.

A mente que deseja uma transformação no futuro, ou que olha para a transformação como algo definitivo, nunca poderá encontrar a Verdade, porque a Verdade que existe momento a momento tem de ser descoberta sem a presença do passado; não há nenhuma descoberta através da acumulação. Como podemos nós descobrir o novo se transportamos o fardo do velho? Só através da inexistência deste fardo conseguiremos descobrir o novo. Para descobrirmos o novo, o Eterno, no presente, momento a momento, precisamos de uma mente extraordinariamente vigilante, de uma mente que não esteja à procura de um resultado, de uma mente que não queira tornar-se em outra coisa. Uma mente que deseja vir a ser diferente nunca poderá conhecer a grande bênção do contentamento; não o contentamento que vem de um resultado alcançado, mas o contentamento que chega quando a mente vê o que é verdade e o que é falso *naquilo que é*. A percepção dessa verdade acontece momento a momento; e essa percepção é atrasada quando, no momento, existe verbalização.

A transformação não é um fim, não é um resultado. Resultado implica resíduo, causa e efeito. Onde há uma causa, há obrigatoriamente um efeito. O efeito é o simples resultado do nosso desejo de querermos ser transformados. Quando desejamos ser transformados, estamos ainda a pensar em termos de “vir a ser”; aquilo que “há-de vir a ser” nunca poderá conhecer *aquilo que é*. A Verdade é a todo o momento, e a felicidade que tem continuidade não é felicidade. A verdadeira felicidade é um estado de ser intemporal. Esse estado intemporal só pode acontecer quando há um grande descontentamento – não o descontentamento que encontrou um canal através do qual se escapa, mas sim o descontentamento que não tem qualquer saída ou escape, que não mais busca realização. Só então, nesse estado de supremo descontentamento, poderá a Realidade mostrar-se. Essa Realidade não pode ser comprada, vendida ou repetida; ela não pode ser guardada nos livros. Tem de ser encontrada a todo o momento, num sorriso, numa lágrima, debaixo de uma folha morta, nos pensamentos errantes, na plenitude do Amor.

Onde existe Amor, há transformação. Sem Amor, a revolução não terá qualquer sentido e será meramente destruição, ruína e uma infelicidade cada vez maior. Onde há Amor, há revolução, porque o Amor é transformação de momento a momento.

in THE FIRST AND LAST FREEDOM

Saberemos *por nós mesmos* se há, ou não há, *algo a que é impossível dar nome e que está fora do tempo*. Se não soubermos isso, se o não descobrirmos, se não virmos a sua verdade ou a sua falsidade, a vida torna-se vazia e sem profundidade. Poderemos ter completa ordem em nós, poderemos estar sem conflito, porque nos tornámos muito vigilantes e acordados, mas sem a *outra coisa* tudo isso se torna extremamente superficial.

Brockwood Park, Setembro 8, 1974

A MENTE SILENCIOSA É SIMPLES

Quando estamos conscientes de nós mesmos, não se torna todo o movimento do viver um meio de desvendar o “eu”, o ego,? O “eu” é um processo muito complexo que apenas pode ser revelado através do relacionamento, nas nossas actividades quotidianas, na forma como falamos, na forma como julgamos, calculamos, no modo como condenamos os outros e a nós mesmos. Tudo isso nos dá a conhecer o estado condicionado da nossa própria forma de pensar, e não será importante estarmos conscientes de todo este processo? É somente através da atenção ao que é verdadeiro, momento a momento, que se dá a descoberta do intemporal, do eterno. Sem o autoconhecimento, o eterno não pode existir. Quando não nos conhecemos a nós mesmos, o eterno torna-se apenas uma palavra, um símbolo, uma especulação, um dogma, uma crença, uma ilusão na qual a mente se refugia. Mas se começarmos a compreender o “eu” em todas as suas múltiplas actividades, dia a dia, então, nessa mesma compreensão, sem qualquer esforço, o inominável, o intemporal ganha existência. Mas o intemporal não é uma recompensa pelo autoconhecimento. Não se pode procurar obter aquilo que é eterno, a mente não o pode adquirir. O intemporal passa a existir quando a mente está silenciosa, e a mente só pode estar silenciosa quando é simples, quando já não está a acumular, a condenar, a julgar, a pesar. Apenas a mente simples pode compreender o real, não a mente que está cheia de palavras, de conhecimentos, de informação. A mente que analisa, que calcula, não é uma mente simples.

in THE BOOK OF LIFE

A ESSÊNCIA DO ENSINAMENTO DE K.

A pedido de Mary Lutyens, Krishnamurti escreveu, em Outubro de 1981, uma declaração sobre a essência do ensinamento. Mary Lutyens incluiu essa declaração no seu livro 'The Years of Fulfilment, o segundo volume da sua biografia de Krishnamurti. Ao reler a declaração em 1983, Krishnamurti fez algumas alterações aqui incluídas. Esta é a declaração final e completa.

A essência do ensinamento de Krishnamurti está contida na declaração que fez em 1929 quando disse 'A Verdade é uma terra sem caminhos'. O homem não chegará a ela através de organização alguma, através de qualquer crença, através qualquer dogma, sacerdote ou ritual, nem através do conhecimento filosófico ou da técnica psicológica.

Ele tem de descobri-la através do espelho das relações, através da compreensão do conteúdo da sua própria mente, através da observação e não pela análise intelectual ou dissecação introspectiva. O homem tem construído imagens em si próprio, como uma barreira de segurança – imagens religiosas, políticas, pessoais.

Estas imagens manifestam-se como símbolos, ideias, crenças. O fardo dessas imagens domina o pensamento do homem, as suas relações e a sua vida diária. Tais imagens são a causa dos nossos problemas, pois elas dividem os homens. A sua percepção da vida é formada pelos conceitos já estabelecidos na sua mente. O conteúdo de sua consciência é a sua completa existência. Este conteúdo é comum a toda humanidade.

A individualidade é o nome, é a forma e a cultura superficial que o homem recolhe da tradição e do ambiente. A singularidade do homem não se encontra no superficial, mas sim na completa libertação em relação ao conteúdo da sua consciência, que é comum a toda a humanidade. Assim, ele não é um indivíduo.

A liberdade não é uma reacção; a liberdade não é escolha. É pretensão do homem pensar que, por poder escolher, ele é livre. Liberdade é observação pura sem direcção, sem medo de castigo ou recompensa. A liberdade não tem motivo; a liberdade não se acha no fim da evolução do homem, mas sim no primeiro passo da sua existência. Na observação começamos a descobrir a falta de liberdade. A liberdade reside na percepção, sem escolha, da nossa existência e actividade quotidianas.

O pensamento é tempo. O pensamento nasce da experiência e do conhecimento, que são inseparáveis do tempo e do passado. O tempo é o inimigo psicológico do homem. A nossa acção baseia-se no conhecimento, portanto, no tempo e, deste modo, o homem é sempre um escravo do passado. O pensamento é sempre limitado e, por conseguinte, vivemos em constante conflito e luta. Não existe evolução psicológica.

Quando o homem se tornar consciente do movimento dos seus próprios pensamentos ele verá a divisão entre o pensador e o pensamento, entre o observador e a coisa observada, entre aquele que experimenta e a experiência. Ele descobrirá que esta divisão é uma ilusão. Só então haverá observação pura que é percepção (*insight*) sem qualquer sombra do passado ou do tempo. Esta percepção intemporal (*insight*) produz uma profunda e radical mutação na mente.

A negação total é a essência do positivo. Só quando há negação de todas as coisas que o pensamento produz psicologicamente, é que existe o amor, que é compaixão e inteligência.

LIVROS DE K. TRADUZIDOS E PUBLICADOS EM PORTUGAL

O MUNDO SOMOS NÓS – Editora Livros Horizonte (descatalogado)
CARTAS ÀS ESCOLAS – Editora Livros Horizonte (descatalogado)
O DESPERTAR DA SENSIBILIDADE – Editorial Estampa
O VOO DA ÁGUIA – Editorial Estampa
A TRANSFORMAÇÃO DO HOMEM – Edições Itau (esgotado)
MEDITAÇÕES – Editorial Presença
APRENDER A VIVER – Livros de Vida Editores
MEDITAÇÃO-A LUZ DENTRO DE NÓS – Editora Dinalivro
A VIDA – Editorial Presença
SERÁ QUE A HUMANIDADE PODE MUDAR? – Editora Dinalivro
O SENTIDO DA LIBERDADE – Editorial Presença
CARTAS A UMA JOVEM AMIGA – Editorial Presença

Contactos das Editoras:

Editora Livros Horizonte - Rua das Chagas, 17, 1º, 1200-106 LISBOA;
telef.213466917; www.livroshorizonte.pt;
livroshorizonte@mail.telepac.pt

Editorial Estampa - Rua da Escola do Exército, 9, r/c Dto., 1169-090
LISBOA; telef.213555663; www.estampa.pt; estampa@estampa.pt

Editorial Presença - Estrada das Palmeiras, 59, Queluz de Baixo, 2730-
132 BARCARENA; telef.214347000 ; www.presenca.pt;
info@presenca.pt

Livros de Vida Editores – R.. Francisco Lyon de Castro, Apartado 8,
2725-354 MEM MARTINS; www.europa-america.pt;
secretariado@europa-america.pt

Editora Dinalivro - Rua João Ortigão Ramos, 17º, 1500-362 LISBOA;
telef. 217122210; www.dinalivro.pt; info@dinalivro.pt

Os livros poderão ser encontrados em qualquer boa livraria ou encomendados às respectivas editoras.

ESCOLAS KRISHNAMURTI

ÍNDIA

RISHI VALLEY EDUCATION CENTRE

Internato
Idades 9 a 18

Internato

RAJGHAT EDUCATION CENTRE

Idades 7 a 18
Escola feminina 19 a 21

THE SCHOOL – KFI

Escola de Dia
Idades 4 a 18

THE VALLEY SCHOOL

Escola de Dia e Internato
Idades 6 a 18

BAL-ANAND

Escola de Tempos Livres
para crianças

SAHYADRI SCHOOL

Internato
Idades a partir dos 9 anos

INGLATERRA ***BROCKWOOD PARK SCHOOL***

Internato

Idades a partir dos 14 anos
Escola de Dia a partir dos 5 anos

E.U.A.

THE OAK GROVE SCHOOL

Esc. de Dia-Idad. 3/5 a 19
Internato-Idades 10 a 19

Os contactos serão fornecidos a pedido dos interessados.

FUNDAÇÕES KRISHNAMURTI

KRISHNAMURTI FOUNDATION TRUST
Brockwood Park, Bramdean, Hants SO24 0LQ, Reino Unido
Telef.: +44 1962 771 525, Fax: +44 1962 771 159, e-mail: kft@brockwood.org.uk
Internet: www.kfoundation.org

ÍNDIA-Krishnamurti Foundation India
E.U.A.-Krishnamurti Foundation of America
AMÉRICA LATINA-Fundación Krishnamurti Latinoamericana

CENTROS INTERNACIONAIS

ÁFRICA DO SUL	INDONÉSIA
ALEMANHA	IRLANDA DO NORTE
AUSTRÁLIA	ISLÂNDIA
ÁUSTRIA	ISRAEL
BÉLGICA	ITÁLIA
BOLÍVIA	JAPÃO
BRASIL	MALÁSIA
BULGÁRIA	MAURÍCIAS
CHINA	NEPAL
CHIPRE	NORUEGA
COLÔMBIA	NOVA ZELÂNDIA
COREIA DO SUL	POLÓNIA
DINAMARCA	PORTUGAL
EGIPTO	ROMÉNIA
EQUADOR	RÚSSIA
ESLOVÉNIA	SINGAPURA
ESPAÑA	SRI LANCA
FILIPINAS	SUÉCIA
FINLÂNDIA	SUIÇA
FRANÇA	TAILÂNDIA
GRÉCIA	TURQUIA
HOLANDA	UCRÂNIA
HONG-KONG	UGANDA
HUNGRIA	VENEZUELA
IRLANDA	VIETNAME

Os contactos serão fornecidos a pedido dos interessados.

NÚCLEO CULTURAL KRISHNAMURTI
Av. Leonor Fernandes, 36
7000-753 ÉVORA — PORTUGAL

Internet: www.kfoundation.org/portugal
e-mail: nucleok@sapo.pt

Distribuição gratuita

gráfica eborense